

# Marco no cinema que completa 60 anos

Ricardo Daehn

Vocacionado ao acolhimento da alta cúpula de pensadores sempre detidos na reflexão do povo brasileiro, o Festival de Brasília chega à 58ª edição, com o histórico de ter dado chão para mentores como Ruy Guerra, Cacá Diegues, Glauber Rocha, Arnaldo Jabor, Roberto Santos, Julio Bressane, Eduardo Coutinho, Rogério Sganzerla e o precursor do cinema novo Nelson Pereira dos Santos, que, em meados dos anos de 1990, sem convite, viu um segurança alertar (via rádio) que ele “se dizia cineasta”.

De hoje, e até dia 20 de setembro, junto com cineastas locais como André Luiz Oliveira

e Adirley Queirós, o público terá estendido o tapete vermelho para fazer parte das viagens propostas em 80 filmes. Para além dos sete longas-metragens em disputa central e da visibilidade de produção local (encerrada na Mostra Brasília), o público terá acesso aos filmes selecionados para as mostras Caleidoscópio, Festival dos Festivais, Coletivas Identidades e História(s) do Cinema Brasileiro, sem contar das sessões especiais.

No bojo, espectadores de Planaltina, Gama e Ceilândia, além do Plano Piloto, travarão contato com filmes que lidam com memória, inteligência artificial, ética, incompetência policial, mazelas da

MARCELO FERREIRA/CB/D.A PRESS



## O 58º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro será aberto hoje

seca, subserviência e opressão, isso além de questões ligadas a ribeirinhos e indígenas, tendo preconceito racial a reboque nas discussões.

Um dos agentes ativos no festival idealizado por Paulo Emílio Salles Gomes, o pensador de cinema Jean-Claude Bernardet registrou, certa vez, em texto: “Para que o povo esteja presente nas telas, não basta que ele exista: é necessário que alguém faça os filmes. As imagens cinematográficas

do povo não podem ser consideradas sua expressão, e sim a manifestação da relação que se estabelece nos filmes entre os cineastas e o povo”. Nisso, o escopo do festival é exemplar, como demonstra a seleção da sessão especial de abertura com o impactante filme *O agente secreto*, premiado em Cannes.

Na vanguarda de um festival que, já em 1985, no Teatro Galpãozinho, apregoou a iniciativa de trazer a Mostra de Mulheres Cineastas (com legado

protagonizado por nomes como Suzana Amaral, Carla Camurati, Petra Costa e Lúcia Murat), a formação de público novo (por meio da programação do Festivalzinho, abraçado em 1984) se perpetua na formatação de um júri jovem de estudantes da UnB para a edição de 2025.

Palco para filmes seminais como *Amarelo manga*, *Nunca fomos tão felizes*, *Eu me lembro*, *500 almas*, *Lavoura arcaica*, *Bixa Travesty*, *Bicho de sete cabeças* e *Baile perfumado*, o Festival de Brasília se renova, a partir de hoje, no Cine Brasília, na sala Vladimir Carvalho, mestre para nomes como José Eduardo Belmonte e Jorge Bodanzky. Abarcando a produção das cinco regiões, o politizado e civilizador (com toque crítico e, por vezes, polêmico) evento resiste e surpreende, a cada ano. É uma tradição.

Ministério da Cultura, CAIXA Residencial e Brasal apresentam:  
#CircuitodeTeatroBrasileiro

JOSÉ DE ABREU  
em

# A BALEIA

texto de SAMUEL D. HUNTER com LUISA THIRÉ, GABRIELA FREIRE  
e EDUARDO SPERONI participação especial ALICE BORGES  
direção LUÍS ARTUR NUNES

TEATRO | UNIP  
18 A 21 DE SETEMBRO, BRASÍLIA  
QUINTA A SÁBADO ÀS 20H | DOMINGO ÀS 19H **A14**

Apresentado por:

Leif Rouanet  
Fundo Nacional  
de Cultura

CAIXA Residencial

Brasal

Produtoras Associadas: AR27 PRODUÇÕES ARTÍSTICAS

Produção Local: sevenX

Vendas: DECA PRODUÇÕES

Realização: Symplic

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
BRASIL  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

clube 50% DE DESCONTO\*